

Libreflix: A cultura colaborativa do audiovisual numa plataforma de streaming¹

Libreflix: The collaborative culture audiovisual on a streaming platform

Jamerson dos Santos Farias Soares²

Resumo

O presente artigo é resultado de um estudo analítico sobre a plataforma de streaming de vídeo: Libreflix. Uma plataforma digital que tem como princípios a liberdade de expressão, gratuidade na exibição de filmes e séries, o compartilhamento de produções audiovisuais independentes e produções que ajudam no pensamento crítico. Foram pesquisados e analisados a interface da plataforma, seus direcionamentos, como se dá a interação entre ela e o público, e a sua importância para a difusão de produtos filmicos para quem não tem muitas condições financeiras. Na conceitualização e associação de ideias foram consultados artigos, livros, reportagens e opiniões de estudiosos da área. Houve também pesquisa sobre Cultura Livre, o movimento Software livre, o papel da Web 3.0 no consumo tecnológico, a Ciência de dados, sobre a Cultura da convergência, Inteligência coletiva, colaborativa e participativa. O objetivo deste artigo é entender e investigar os pressupostos do Libreflix, de que maneira esse formato disponibiliza arte e cultura para a comunidade, sua etimologia, como tudo começou, quais conceitos foram usados para a idealização e criação da plataforma. Além disso, como se dá os procedimentos para seleção e divulgação de produções autorais, e quais as divergências entre o Libreflix e a grande empresa de produção de filmes e séries do mercado atual, a Netflix. A análise se desenvolveu a partir de visitas ao site, ao aplicativo Android da plataforma, conversas com o criador do serviço gratuito, comparação de outros sites que compactuam com a ideia da plataforma, como também a tabulação de dados de quantas contas já foram criadas e que tipo de público aloja suas próprias filmagens no site.

Palavras-chave: Libreflix. Cultura livre. Inteligência Coletiva. Plataforma digital. Produções independentes.

¹ Trabalho e estudo produzidos durante o Pibic 2018/2019, orientado pelo então professor doutor Ronaldo Bispo.

² Graduando em Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas, com formação técnica e habilitação em Arte dramática na Escola Técnica de Artes - Ufal e produtor cultural.

Abstract

This article is the result of an analytical study on the video streaming platform: Libreflix. A digital platform that has as its principles freedom of expression, free films and series, sharing independent audiovisual productions and productions that help in critical thinking. The interface of the platform, its directions, how the interaction between it and the public, and its importance for the diffusion of film products for those who do not have many financial conditions were researched and analyzed. In the conceptualization and association of ideas were consulted articles, books, reports and opinions of scholars in the area. There was also research on Free Culture, the Free Software movement, the role of Web 3.0 in technological consumption, data science, the culture of convergence, collective, collaborative and participatory intelligence. The purpose of this article is to understand and investigate the assumptions of Libreflix, how this format makes art and culture available to the community, its etymology, how it all began, what concepts were used for the idealization and creation of the platform. In addition, how are the procedures for selection and dissemination of copyrighted productions, and what are the differences between Libreflix and the current major film and series production company, Netflix. The analysis developed from site visits to the platform's Android app, conversations with the creator of the free service, comparison of other sites that go along with the platform idea, as well as tabulating data on how many accounts have already been created and what kind of audience houses their own footage in the website.

Key-word: Libreflix. Free culture. Collective intelligence. Digital platform. Independent productions.

01-INTRODUÇÃO

O algoritmo, a web 3.0 (web semântica) e as plataformas digitais são, hoje, os grandes reis e rainhas do mundo tecnológico. Eles são capazes de atender nossos gostos, fazer recomendações de acordo com o nosso repertório cultural, de atender obrigações, ações e necessidades, tanto sensoriais (tato, olfato, audição) como também de bem estar. Eles são muito usados para pesquisa de mercado, programação e difusão de produtos que conquistem o olhar do público, fazendo com que seus vazios sejam preenchidos.

Porém, o que pode nos deixar acomodados, por justamente nossos gostos serem atendidos, também pode nos distanciar da realidade sociopolítica que nos cerca, pode nos fechar para apenas contemplar a nossa bolha cultural e não estender (entender) o olhar para outras culturas.

No campo do audiovisual ou de streaming de vídeo não é diferente, há a possibilidade de produções cinematográficas nos retrair, entendendo que só existe aquele tipo de filme, que só aquela série que é bem aclamada realiza os nossos gostos, um acervo que é capaz de limitar o pensamento humano. Empresas de maior renome atualmente, como Netflix, Hulu, HBO, atendem essa lógica de mercado, cujo principal objetivo é qualificar suas produções, para quantificar as suas próprias marcas, pondo a concorrência entre elas.

A análise detalhada do site do Libreflix foi um dos principais pontos a serem traçados, observando com que frequência o acervo filmico era atualizado, quem eram os administradores ou coordenadores do site, sua interface, de que forma são alojados os filmes no acervo de produções independentes, quais eram os assuntos principais que o Libreflix tratava e também como se dava o seu modo de produção/de negócio.

O livro “Copyfight: Pirataria & Cultura Livre”, que teve como organizadores Adriano Belisário e Bruno Tarin, foi a principal via em que foi conquistado explicações sobre Cultura Livre e Software Livre, e como a arte livre se comporta dentro do sistema ao qual estamos inseridos. É um conjunto de artigos brasileiros e do exterior que fala um pouco sobre a liberdade de criação artística no ciberespaço. Dois dos artigos que auxiliaram nesta pesquisa foram de Antoine Moreau, “Sobre arte livre e cultura livre” (p.159), e de Florian Cramer, “O mal-entendido do Creative Commons” (p.177).

Foi também analisado o aplicativo para Android do Libreflix, suas funcionalidades, ferramentas e interface, e como se dá a interação entre o aplicativo e o internauta.

Outras plataformas digitais sobre cultura livre e também streaming de vídeo semelhantes ao conceito do Libreflix foram analisadas, como por exemplo: Afroflix, uma plataforma digital que distribui um acervo de filmes e séries protagonizados por negros; BaixaCultura, uma espécie de “laboratório online” onde são compartilhados documentos, artigos, pesquisa na cultura em prol ao conhecimento livre e democrático; Spcine, uma empresa de audiovisual de São Paulo, patrocinado pela Prefeitura, com o objetivo de estimular a produção fílmica do estado; Ideia fixa, Videocamp e Conto dos clássicos. São sites que foram escolhidos para associação e comparação aos preceitos do Libreflix.

Termos digitais como Código aberto, Domínio Público, Lei da arte livre, Movimento Software livre, Copyright, pesquisadores como Lawrence Lessig e Richard Matthew Stallman, também foram pesquisados a fim de entender mais um pouco sobre como foi possível a construção dessa plataforma digital.

Por fim, o criador e idealizador do Libreflix, Guilmour Rossi, foi contatado via Twitter para responder algumas perguntas sobre a criação e o conceito que rege esse serviço gratuito.

02 - DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES/ RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

Segundo Lawrence Koo (2009):

[...] um aspecto a ser considerado é que a interface principal do ser humano com os serviços que ele recebe passa a ser online, em tempo real e independente da localidade pela facilidade de acessibilidade móvel. Em outras palavras, passamos a ser receptores de serviços que, em muitos casos, iniciam-se pelo artefato móvel, seja esse serviço com seres humanos envolvidos diretamente (um contato do call center da empresa prestadora de serviço), ou simplesmente alguém mandando uma mensagem SMS para nós. (KOO, Lawrence. 2009, p. 113)

Houve uma evolução digital. Ela possibilitou a resolução de problemas humanos cotidianos e a criar formas de sanar necessidades humanas. Com o acesso à banda larga, a mobilidade foi também afluída conquistando também a instantaneidade. A web proporciona acessibilidade. Nós somos receptores de serviços, nós é que também conseguimos de alguma forma produzir o produto para que aquela empresa tecnológica receba e também produza, resultando nesse ciclo que, para o sistema capitalista, é lucrativo.

A Netflix, como um serviço de streaming de vídeo importante no mundo hoje, se encaixa nesse modelo de produção e negócio. Na contramão desse sistema, e com o avanço dos conceitos acerca do ciberespaço, foram idealizadas plataformas digitais que são a favor do compartilhamento gratuito e democrático de conhecimento, seja através de notícias, documentos, filmes ou séries documentais independentes.

O Libreflix

Uma plataforma brasileira de streaming de vídeo com distribuição gratuita de filmes, séries, documentários, curtas-metragens independentes e que tenham um cunho mais social, cultural e libertário. Foi criado no ano de 2017 através do conceito de Software livre, pelo então estudante brasileiro de Engenharia de computação e Sistemas de informação, Guilmour Rossi. É possível alojar produções independentes, feitas por cineastas ou pessoas que tenham produções filmicas prontas referentes ao ideal que a plataforma adere, brasileiros ou não.

A etimologia da palavra vem de Libre Software: termo muitas vezes usado na comunidade de programadores para substituir o termo “free software” no inglês, que pode passar a ideia de software grátis, quando é sobre livre como em liberdade. “Flix” pois tem relação com a pioneira da plataforma de streaming, a Netflix. “Flix” vem também de “Flicks” que é uma gíria em inglês que significa “filmes”.

O Libreflix se dá pela junção de ideais políticos: do software livre e da cultura livre; e técnicas: do desenvolvimento de software colaborativamente e uso de código-aberto. Esses conceitos se relacionam com o Libreflix já que qualquer um pode acessar o código do Libreflix e tem as liberdades (como defendidas inicialmente por Richard Stallman ao definir o software livre) de rodar, copiar, melhorar e distribuir o software por trás da instância oficial, disponível em Libreflix.org. (ROSSI, Guilmour. 2019)

De acordo com o criador da plataforma, Guilmour Rossi, a ideia de criação surgiu depois do ócio das férias em 2016. Primeiro teve a ideia de construir algo para rodar num velho notebook que queria transformar em mediacenter, então fez os primeiros esboços e um levantamento de obras que estavam livres para exibição na internet. Mas foi no semestre seguinte, na universidade, que o projeto foi expandido e ficou online, quando ele conciliou o seu desenvolvimento com um trabalho para uma disciplina de banco de dados que estava cursando.

Interface

O Libreflix, como um serviço de streaming independente-colaborativo, gratuito e livre para todos sem distinção ou interferências burocráticas, é um importante meio de difusão democrática de cultura e arte, proporcionando conhecimento sobre ativismo, veganismo, feminismo, tecnologia, educação e até comédias que instigam o senso crítico de quem assiste.

A plataforma é sob código aberto e software livre (uma filosofia de criação de aplicativos, sites ou plataformas digitais com a colaboração entre desenvolvedores), construída para web site e recentemente aplicativo Android. O acervo contém poucas produções de audiovisual e dividido em subgêneros, que vai dos filmes clássicos, nacionais, sobre tecnologia, educação, à animação, filmes para crianças, entre outros.



Figura 1

FONTE: www.libreflix.org

Durante o segundo semestre de 2018, investigamos muitas plataformas da rede web, tivemos reuniões em grupo para discutir sobre cada resultado, para fazer relatórios sobre artigos, como também seminários. No caso do Libreflix, houve dificuldade de analisar a plataforma pois o acervo não era atualizado com frequência, havia poucos conteúdos, e se tinha, eram antigos, e não tinha muita visibilidade.

Em março e abril de 2019, analisando cotidianamente o site e após o contato que tive com o criador da plataforma, o serviço começou a entrar em atualização, continuou com os tópicos e gêneros dos filmes, foram alojados mais conteúdos filmicos produzidos em 2018.

São conteúdos inclusivos, claramente de ideologia progressiva, de cunho ativista, que tratam de assuntos políticos, sociais, tecnológicos, musicais, assuntos que fazem pensar, amplos, que particularmente não são do meio comercial e lucrativo. São totalmente gratuitos: qualquer pessoa com computador ou celular, acessando o site ou o aplicativo, vai conseguir assistir sem precisar criar alguma conta, ou pagar. Segundo a descrição do site, “o conhecimento é livre e democrático”.

Ao clicar em um dos filmes, é aberto um “subjanela”, que contém as informações sobre o filme, o ano, as tags que têm relação com o conteúdo, e o nome do cineasta. Após clicar no play, somos direcionados ao filme: com a função da tela ser ampliada, pausa, de compartilhar, e aparece o título do vídeo, ou seja, funções básicas para a reprodução. Além

disso, é possível ver o tipo de áudio, as empresas independentes que participaram da produção, a categoria do filme, os roteiristas e a avaliação do filme.



Figura 2 - Curta-metragem “Conservadorismo em foco - um filme sobre a ideologia burguesa”, de Arthur Moura e Felipe Xavier.

FONTE: <https://libreflix.org/assistir/conservadorismo-em-foco>

É possível alojar produções autorais nacionais e internacionais. Basta criar uma conta no site Libreflix, por meio do Facebook e Twitter, ou por meio do próprio site. É solicitado o nome do usuário, e-mail, criar um username e a senha, sem precisar pagar absolutamente nada. E para enviar a produção autoral é preciso, antes de tudo, é preciso que o autor permita que a plataforma distribua o conteúdo, logo depois é solicitado dados do filme, como por exemplo o título, o subtítulo, ano da produção, duração do vídeo, classificação indicativa, a descrição (sinopse), o link do vídeo e as fotos dele, como também pode ser o cartaz.

É solicitado o link do vídeo, pois acontece uma espécie de transporte e compartilhamento do vídeo através de um meio de reprodução (ex.: YouTube). No site não há anúncios de outras empresas aparecendo para o usuário clicar, nem desejo de lucro, apenas colaboratividade.

The screenshot shows the Libreflix website's account creation page. The header includes the Libreflix logo and navigation links for Docs, Filmes, Curtas, Séries, Clássicos, Nacionais, and Kids. A search icon and 'Entrar' button are in the top right. The main form, titled 'Criar uma conta', contains the following fields: 'Nome' (with a placeholder 'Nome'), 'E-mail' (with a placeholder 'E-mail'), 'Username' (with a placeholder 'Username'), and 'Senha' (with a placeholder 'Senha'). Below these fields are three buttons: 'Criar uma conta' (highlighted in blue), 'Criar conta com o Facebook', and 'Criar conta com o Twitter'. At the bottom right of the page, there is a small text link 'Ativar o Windows'.

Figura 3 - Dados solicitados para criação de conta no site do Libreflix

FONTE: www.libreflix.org

The screenshot shows the 'Nova produção' (New production) form on the Libreflix website. The header is identical to the previous image. The form fields are: 'Título da Produção' (filled with 'O Menino da Internet'), 'Subtítulo da Produção' (filled with 'A História de Aaron Swartz'), 'Ano da Produção' (filled with '2014'), 'Duração' (filled with '10:45m'), 'Classificação Indicativa' (radio buttons for 'Livre', '10', '12', '14', '16', and '18', with 'Livre' selected), and 'Descrição' (an empty text area).

Figura 4 - Características e dados solicitados para compartilhamento de filmes autorais

FONTE: www.libreflix.org

O acervo de produções audiovisuais, segundo Rossi, foi e é construído à partir de uma pesquisa de obras que podem ser exibidas livremente pela internet. Depois disso, o processo de seleção das obras é feito com as obras que são submetidas através de um formulário dentro da plataforma e em seguida são analisadas, de acordo com a disponibilidade, por voluntários que revisam essas obras. Eles não aceitam produções de cunho violento, totalitário, preconceituoso e nem discriminatório.

Quando o próprio criador do conteúdo (ou detentor do direito de fazê-lo) é quem envia a obra, fica mais fácil o aceite e a incorporação do filme dentro da plataforma; basta que ele seja um formato de filme de curta ou longa-metragem. Alguns trabalhos

audiovisuais como videologs, clipes musicais, ou peças publicitárias não são aceitas atualmente. A obra também, claro, não pode conter discurso de ódio ou discriminação de qualquer tipo. (ROSSI, Guilmour. 2019)

Já quando a produção é sugerida por terceiros, após uma análise de sua licença de distribuição, os colaboradores da plataforma verificam se é de livre exibição; então a relação se resume ao cumprimento da vontade do artista: de que sua obra seja transmitida e apreciada por outras pessoas.

Há um aplicativo Android do Libreflix personalizado para a reprodução em celulares, o que em 2018 não tinha: foi criado recentemente. No aplicativo as funcionalidades são as mesmas que as do site, o que mudou foi o formato da tela, que é menor.

2.1 - Materiais e Métodos

Conceitos que regem o Libreflix

Através da junção de ideais políticos, como o Software livre e Cultura Livre, e meios técnicos, como o desenvolvimento de software colaborativamente e uso de código-aberto, o Libreflix foi criado. Todos esses elementos se convergem nesta plataforma, já que qualquer pessoa pode acessar o código do site e tem as liberdades (como defendidas inicialmente por Richard Stallman ao definir o software livre) de rodar, copiar, melhorar e distribuir o software por trás da instância oficial, disponível em Libreflix.org.

“Se entendermos por “cultura” aquilo que “permite que o homem não somente se adapte ao seu ambiente, mas também o que permite adaptar o ambiente a necessidades e projetos do homem”, então “Cultura Livre” é uma adaptação a este novo dado natural, que é não-material, mas que também “permite a transformação do dado natural” por ferramentas digitais. Devemos reconhecer este novo paradigma como consequência de uma nova visão dogmática. Ou seja, a Cultura Livre, como a cultura de um modo geral, deve encontrar algo que mantenha a sociedade e seus sujeitos inseridos nela.” (MOREAU, Antoine, 2012. p. 161)

Moreau afirma que já que o termo cultura tem seu próprio significado e vivência livre, onde cada indivíduo tem seu modo de viver, de interagir, falar, comer, onde cada continente tem seus costumes e crenças, o termo “Cultura livre” só se adapta aos século da interatividade tecnológica, cujas plataformas ou aplicativos devem aderir à liberdade que o próprio termo Cultura já tem. Essa afirmação se alinha ao que o Libreflix propaga como ideal universal. É a

partir desse ideal que a distribuição de conhecimento (seja por filmes, seja por livros digitais) se torna democrática, com o intuito de que mais pessoas de todas as esferas financeiras, de quaisquer territórios, tenham acesso.

Quando se trata de Cultura Livre, a plataforma (e seu acervo) dialogam não no sentido pleno, mas na tentativa de fomento e apoio a ideias culturalistas. Isso porque, segundo trabalhos de Lawrence Lessig e o movimento Creative Commons que ele ajudou a fundar, trabalhos artísticos que fazem parte da “cultura livre” seriam aqueles com maior permissividade em sua licença, ou seja, seriam trabalhos que apenas requerem o crédito ao autor da obra. Outras licenças Creative Commons, que insiram componentes de não permissão a distribuição das modificações ou a proibição da obra para uso comercial não são considerados “cultura livre”. Nesse ponto, o Libreflix garante o acesso à obra e sem custo, mas nem todas elas poderiam ser baixadas e copiadas pelos usuários ou, em ainda maior número, serem alteradas e remixadas em outros trabalhos artísticos.

Segundo a Free Software Foundation (Fundação para o Software Livre), fundada em 1958 por Richard Stallman, “é considerado livre qualquer programa que pode ser copiado, usado, modificado e redistribuído de acordo com as necessidades de cada usuário”. Em outras palavras, o Software é considerado livre quando atende a esses quatro tipos de liberdades definidas pela fundação:

Liberdade 1	Liberdade de executar o programa para quaisquer propósitos
Liberdade 2	Liberdade para estudar como o programa trabalha e adaptá-lo às suas necessidades. Ter acesso ao código fonte é essencial para isso
Liberdade 3	Liberdade de redistribuir cópias, de forma que possa ajudar outras pessoas
Liberdade 4	Liberdade de melhorar o serviço ou programa e disponibilizar as melhorias para o público, de forma que toda a comunidade possa se beneficiar disso

Tabela 1 - As quatro liberdades desenvolvidas pelo pesquisador e ativista, Richard Stallman.

As liberdades 3 e 4 são as que mais se alinham ao conceito geral do Libreflix, pois além de ser uma mediação entre o público geral e os filmes independentes, - como uma espécie de “cópia distribuidora consentida pelo autor” para agregar no conhecimento do indivíduo - a plataforma também tem as chances de optar por melhorias que viabilizem uma melhor forma de difusão do serviço gratuito.

Outro conceito que foi estudado continuamente, durante os meses de janeiro a março de 2019, foi a Inteligência coletiva: termo/conceito pensado desde 1912 a princípio por Émile Durkheim, que acreditava que a “sociedade era a única fonte de pensamento lógico humano”; passou pelas ideias de Vladimir Vernadsky e Teilhard de Chardin, os quais acreditavam no conceito “noosfera” (a interferência do conhecimento humano na biosfera); noções sobre a Inteligência coletiva foram passando de década a década até chegar na ideia atual, examinada pelo filósofo Pierre Lévy. Para ele, Inteligência coletiva consiste na integração de indivíduos para o conhecimento, com o intuito de todos saberem coletivamente sobre assuntos diversos, sem exceção de pessoas, sempre agregando todas as pessoas a fim de ter uma troca mútua de energias e conhecimento, seja ele qual for. Ele acha que todos têm o direito de saber, de entender, aprender e se desenvolver intelectualmente através do compartilhamento coletivo:

É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidade fetichizada ou hipostasiadas. (LEVY, Pierre. 2003, p., 28)

Pensando na questão do “reconhecimento e enriquecimento mútuos das pessoas” e o “não culto de comunidade fetichizada”, a plataforma Libreflix se encaixa, porque além de permitir o acesso livre e gratuito de conhecimento através do audiovisual para as pessoas, ele também faz com que haja uma certa colaboração mútua entre as pessoas para o bem comum, ou seja, o objetivo maior do serviço não é o lucro ou inserir-se no meio de produção capitalista (o que se diferencia do maior serviço de streaming do mundo, a Netflix), mas sim, agregar as inteligências de todos para alcançar o número que puder de pessoas por meio da liberdade de pensamento.

A ideia então seria tratar como um ser humano quem está assistindo e não coisifica-lo, não tratá-lo como um consumidor ou produto.

2.2 - Resultados e Discussões

Visibilidade da plataforma e os últimos encontros do projeto

No primeiro semestre de 2019, especialmente entre os meses de maio e junho, houve uma potencialização na pesquisa no que se diz respeito ao entrelaçamento de ideias, término da contextualização, últimas leituras de artigos sobre Cultura livre e Inteligência coletiva, mais reuniões com o grupo e com o orientador para discutir sobre os resultados e correções, como também sobre a finalização do processo da pesquisa.

Ainda em contato com o criador da plataforma Libreflix, Guilmour Rossi, foi consultado o percentual da quantidade de acessos no site, total de visitas, a quantidade de contas criadas, por quais meios digitais os usuários conheceram a plataforma e o percentual da origem do tráfego (por onde as pessoas clicaram até chegar no site do Libreflix). Foram consultados resultados de novembro de 2018 até abril de 2019.

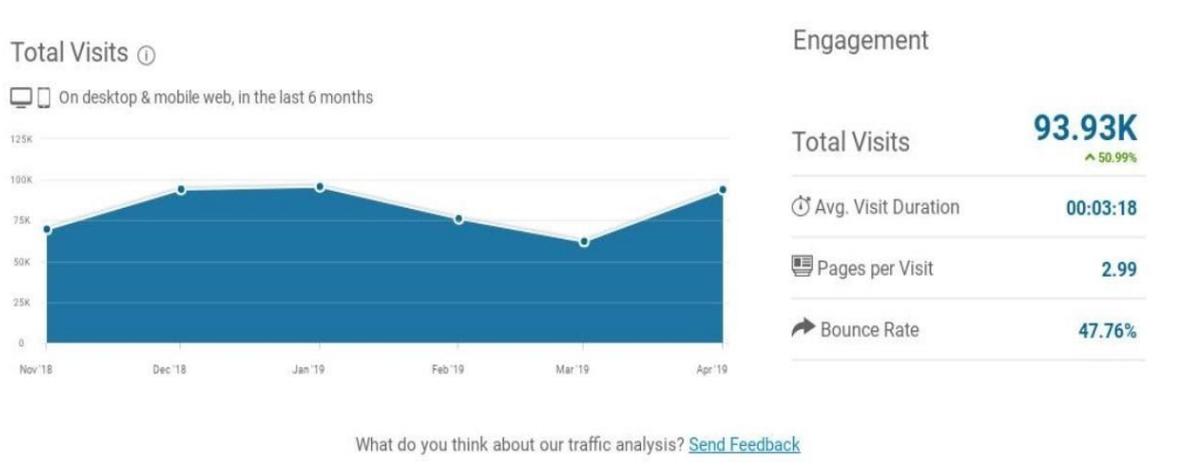


Figura 5 - Mais de 93.000 acessos no site do Libreflix durante o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019.

FONTE: <https://www.similarweb.com/pt/website/libreflix.org>

```
/* 1 */
{
  "ns" : "libreflix.users",
  "size" : 7652128,
  "count" : 29265,
  "avgObjSize" : 261,
  "storageSize" : 4218880,
  "capped" : false,
  "wiredTiger" : {
    "metadata" : {
      "formatVersion" : 1
    },
    "creationString" : "access_patte
```

Figura 6 - Durante o mês de novembro de 2018 e abril de 2019, o número de contas criadas foi de 29.265.
FONTE: Divulgação/Libreflix



Figura 7 - Meios por quais os usuários clicaram para chegar até o site Libreflix.
FONTE: <https://www.similarweb.com/pt/website/libreflix.org>

De acordo com a figura 7, um pouco mais de 68% dos usuários visitaram o site de forma direta do computador com acesso a internet, através da url (link do site); 18% dos usuários acharam o Libreflix por meio de pesquisas através de sites de buscas (Google, Bing, etc.); 7% dos internautas clicaram no link a partir de alguma referências de outros sites semelhantes, e um pouco mais de 6% encontraram o Libreflix por meio de redes sociais (Twitter).

Em junho de 2019, com a pesquisa frequente, foi recebido um link do orientador de um site que seguia quase a mesma linha política do Libreflix, o Spcine.

Houve uma análise do site e um comparativo entre eles, mas não ficou só por isso, houve uma investigação de outros sites ou plataformas que tivessem semelhante cunho político, social e de Cultura livre do Libreflix.

O SPcine é uma iniciativa da Prefeitura de São Paulo, que tem o objetivo a implementação e difusão de produções do âmbito cultural e social feitas na cidade de São Paulo. Dentro dessas produções estão TV, cinema, games e novas mídias, e tem a cineasta brasileira Lais Bodanzky como diretora-presidente. O que diferencia é que o Spcine é financiado pela Prefeitura, e já tem uma ajuda de custo maior, além disso, algumas produções audiovisuais o usuário tem que pagar.

Outros exemplos de sites são: Afroflix, que é uma plataforma digital de streaming parecida com o Libreflix, com exibição gratuita de filmes, vlogs, clipes, curtas-metragens dirigidos ou tendo como atuação apenas pessoas negras. BaixaCultura é outro site colaborativo, porém, segundo a definição do site, “é um laboratório online com documentação, pesquisa, formação e experimentação em cultura livre”. Tendo como base os financiamentos independentes, sem patrocínio, ele são consagrados como uma mídia alternativa. Não há apenas conteúdo audiovisual, também há produção de notícias, entrevistas, oficinas, artigos relacionados à liberdade de pensamento. Já o Ideia fixa é considerado como uma espécie de curadoria digital de artes visuais, conteúdo criativo, eventos, workshops, projetos especiais e editoriais de forma alternativa/colaborativa, tudo relacionado à comunidade. No site há aparições de poucos anúncios, coisa que não é vista no Libreflix, nessa não há vestígios de publicidade.

São plataformas digitais que têm como base a troca mútua de conhecimento e de informação, a maioria disponibilizada gratuitamente, democraticamente, que retratam assuntos referentes à liberdade, à construção de visões mais amplas acerca da sociedade, assuntos políticos, que também têm a ver com o hacktivismo, revolução tecnológica, mídia alternativa, democracia na internet e distribuição livre para e com a comunidade.

II - CONCLUSÃO

Existir vários caminhos na internet é sinal de democracia, cada indivíduo é capaz de escolher o que quer assistir, ler, acompanhar, pesquisar ou produzir, mas dentro desse emaranhado supostamente “livre” que é a web, também há as suas limitações quanto à exibição de produções filmicas relevantes.

Se percebermos, quase todos os streamings de vídeo aclamados hoje em dia impedem de todos os usuários verem gratuitamente um trabalho que tenha conhecimento.

Desde os tempos antigos já existia uma cultura em que todos se auxiliavam, se ajudavam para um bem comum, o que para muitos é um tanto romantizado esse ideal de sociedade coletiva e colaborativa. Mas não impossível. Sites, aplicativos e plataformas digitais como o Libreflix estão aí para desmistificar esta questão de que não pode ser idealizado um meio em que todos (que tenham internet e algum dispositivo digital) possam ser inseridos, possam ter acesso.

Entretanto, quando se vai na contramão do sistema capitalista de mercadorias há uma dificuldade financeira que acaba não ajudando nas melhorias das plataformas, porém é possível um canal de exibição de produções artísticas e culturais relevantes que não só conquistem o usuário pelo entretenimento, que não tratem o ser humano como uma coisa produtiva a fim de dar lucro.

Essas mesmas plataformas são sustentadas através de financiamentos, vaquinhas online ou colaboração de pessoas que trabalham na área e que são adeptos ao ideal político daquele serviço.

O Libreflix é um meio de compartilhamento de trabalhos audiovisuais, que tem como base a colaboração entre voluntários e todos os usuários. Nele há a chance de ampliar visões da nossa época, mostrar autores/produções independentes que são muitas vezes esquecidos ou não muito conhecidos (brasileiros também), como também difundir o saber necessário sobre a nossa história, sobre a existência humana para quem o acesso ao conhecimento é restrito.

Seria engrandecedor e revolucionário se empresas alternativas/não comerciais, o governo brasileiro (que está um tanto defasado), prestassem mais atenção a essas plataformas digitais, pois é um caminho glorioso para libertar mentes do escuro da ignorância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco; CRIPPA, Giulia. **Informação, cultura e tecnologia: novas mediações para a produção e o consumo cultural**. São Paulo: 2009.

BAIXA CULTURA. **Cultura Livre e Copyleft**. São Paulo: 2015. Disponível em: <<http://baixacultura.org/wp-content/uploads/2015/04/cultura-livre-e-copyleft.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

BATISTA, André. **O Papel das Plataformas de Streaming na Distribuição de Filmes Independentes**. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação - Instituto Universitário de Lisboa, 2016.

BEMBEM, Ângela; SANTOS, Plácida. **Inteligência coletiva e compartilhamento da informação: estado da arte da produção sobre inteligência coletiva**. 3º Simpósio hipertexto e tecnologia na educação - redes sociais e aprendizagem. UFPE: 2010.

BELTRÃO, B. F. **Produção colaborativa na rede: um olhar sociocultural**. Revista Contemporânea, Bahia, n12, Páginas 119-128. 2009.1

CAMARGO, Camila. **O que é Software Livre?**. TecMundo, 2008. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/linux/218-o-que-e-software-livre-.htm>>. Acesso em: 20 de junho de 2019

CONDORELLI, Antonino. **A ideia de cultura na cibercultura: uma exploração epistemológica**. Intercom: 2014. Artigo apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

FANJUL, Sérgio. **Na verdade, o que é exatamente um algoritmo?**. EL PAÍS Brasil, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/tecnologia/1522424604_741609.html>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

FEUSER, Jeferson. **Entretenimento e interatividade: aspectos colaborativos das plataformas digitais**. Revista Anagrama - Revista científica interdisciplinar da Graduação. Ano 5, ed. 2. São Paulo: 2011/12

KOO, Lawrence. **O papel da Web 3.0 no consumo contemporâneo**. Revista Pensamento e realidade. PUC-SP: São paulo. V.24, n.2, páginas 109-124. Fevereiro de 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/7086>>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MARQUES, José. **O que é inteligência coletiva?**. Portal IBC, 2016. Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/o-que-e-inteligencia-coletiva/>>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

MONTEIRO, Ítalo; SALES, Lígia. **Netflix e seus efeitos midiáticos na era da convergência**. Intercom, 2017: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Centro Universitário Estácio do Ceará, Fortaleza/CE.

PATRIOTA, Carla; PIMENTA, Rodrigo. **Da Mídia 2.0 para a Mídia 3.0: perspectivas da próxima onda na Web**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN, 2008.

PRIMO, Alex . **Crítica da cultura da convergência: participação ou cooptação**. In: Elizabeth Bastos Duarte, Maria Lília Dias de Castro. (Org.). **Convergências Midiáticas: produção ficcional - RBS TV**. Convergências Midiáticas: produção ficcional - RBS TV. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 21-32.

RICCIULLI, Stefania. **Data is the new black: o papel da Netflix na web**. 12^o Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: 2016.

ROSSI, Guilmour; GOMES-JR, Luiz. **Libreflix: A Peer-to-Peer On-demand Video Platform for Free Streaming**. In: Anais Estendidos do XXV Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web. SBC, 2019. p. 137-141.

ROSSI, Guilmour. **Streaming Livre: Pensando um distribuição digital do comum na era do streaming**. Anais do I Congresso Internacional Sobre o Comum e os Commons. UCS, 2019.

SILVA, Erik. **GNU, GPL e suas 4 liberdades do Software Livre**. Linux e programação. Disponível em:<<https://linuxprogramacao.blogspot.com/2013/07/gnu-gpl-e-suas-4-liberdades-do-software.html>>. Acesso em: 18 de julho de 2019.

SCHAINBERG, Thais. **Direitos humanos, gênero e diversidade na era tecnológica**. I Congresso de Tecnologias aplicadas ao Direito. Belo horizonte: 2017.

TARIN, B.; BELISÁRIO, A. **Copyfight: Pirataria & cultura livre**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Azougue, 2012.